

## Turismo e os jovens nikkeis

*Bruna de Castro Mendes (mendesbruna@hotmail.com)\**

*Raquel Hidemi Gibo (raquel.gibo@gmail.com)\*\**

### Resumo

A fixação da população nipônica, no Brasil, se iniciou com a vinda do navio Kasato Maru, em 1908. Hoje, são 100 anos de integração e aproximadamente 1,5 milhões de japoneses e descendentes no país. Este artigo tem como intuito conhecer e analisar o turismo efetivado pelo segmento dos jovens descendentes de japoneses frequentadores das associações culturais e esportivas nipo-brasileiras do Estado de São Paulo. Por meio de pesquisas de base teórica e aplicação de questionários, foi possível observar que a maioria é Sansei, que busca lazer em destinos onde o principal produto são as belezas naturais. Dificilmente, este grupo utiliza equipamentos e serviços turísticos e tem um forte vínculo com a família, sendo esta a principal responsável pela escolha das destinações turísticas.

**Palavras-chave:** Imigrantes japoneses; Segmentação turística; Jovens nikkeis.

### Abstract

The setting of the Japanese population in Brazil was initiated with the coming of the ship Kasato Maru in 1908. Today they are 100 years of integration and approximately 1,5 Japanese million and descendants in the country. This article has as intention to know and to analyze the tourism accomplished for the segment of the young Japanese descendants of the cultural associations nipo-Brazilians of São Paulo. Through research of theoretical base and application of questionnaires, it was possible to observe that the majority are Sanseis, that search leisure in destinations where the main product is the natural beauties. Hardly they use tourist equipment and services and has a strong bond with the family, being this main the responsible one for the choice of the destinations.

**Key-words:** Japanese immigrants; Targeting tourists; Young nikkeis.



Laboratório de Tecnologia e  
Desenvolvimento Social



## Introdução

Até meados do século XIX, a principal força de trabalho da economia brasileira era representada pelos escravos. Com a interrupção do tráfico negreiro, em 1850, a questão de braços agravou-se e passou a exigir uma solução rápida. A política imigratória brasileira tomou, a partir de então, uma nova orientação, subordinando-se, cada vez mais, ao fornecimento de mão-de-obra para a lavoura, sobretudo a cafeeira (NOGUEIRA, 1984, p. 48).

Os trabalhadores europeus, procurados mesmo antes da abolição da escravatura, eram os preferidos:

*[...] e por esse motivo os italianos, alemães, portugueses e espanhóis eram os mais requisitados. Havia uma tendência em não aceitar os imigrantes negros e asiáticos devido a informações chegadas dos EUA. Era decorrente de estereótipos e da corrente de trabalhadores americanos que temiam a concorrência de braços asiáticos, que segundo eles, aceitavam salários menores e ocupavam os seus postos de trabalho (YOSHIOKA, 2008, p. 11).*

Com o tempo, as preocupações ocasionadas por esses boatos foram sendo desprezadas, a partir do momento em que aumentava a escassez de mão-de-obra na lavoura cafeeira, uma vez que a Itália, um dos principais emissores de trabalhadores, havia impedido a vinda destes para o Brasil.

A partir de então, se iniciam as intensas negociações entre o governo brasileiro e o japonês, culminando, em 1908, com o desembarque dos primeiros imigrantes japoneses no país. Do porto de Santos, os japoneses foram encaminhados para a Hospedaria dos Imigrantes na cidade de São Paulo e depois distribuídos para as fazendas do Estado.

A adaptação dos imigrantes japoneses no Brasil foi longa, árdua, cheia de sofrimentos, frustrações e preconceitos. Mas

em nenhum outro lugar do mundo, o japonês se adaptou tão bem quanto no Brasil, já fazendo parte da história do país.

Como resultado da integração da cultura nipônica na sociedade brasileira, foi-se observando ao longo dessa ainda não terminada "epopéia", sua inserção em várias áreas do conhecimento, como: gastronomia, cultura, antropologia, artes, agricultura, medicina, sociologia, tecnologia, política, entre outras. Tanto que existem várias publicações sobre esses assuntos. Em contraposição, há um déficit de trabalhos focados no turismo relacionado aos nikkeis. Sendo assim, o intuito deste artigo é o de conhecer e analisar o turismo efetivado pelos jovens descendentes de japoneses no Brasil.

Para isso, foram realizadas pesquisas com base teórica e aplicados questionários de cunho quantitativo semi-estruturados em associações culturais e esportivas nipo-brasileiras, com o objetivo de reconhecer o perfil socioeconômico do público-alvo, além de entender as preferências turísticas e as principais motivações que os levam ao deslocamento para a realização desta atividade, bem como identificar as destinações realizadas e desejadas.

## Histórico da imigração japonesa no Brasil

Oficialmente, a imigração japonesa, tanto no Estado de São Paulo quanto no Brasil, teve início em 18 de junho de 1908, quando a primeira leva de imigrantes japoneses atracou com o navio Kasato Maru no porto de Santos.

*A partir dessa data, o nome Kasato Maru passa a simbolizar [...] o início do estabelecimento das relações profundas entre o povo das duas nações. Foi um relacionamento não muito fácil para os imigrantes como também para os respectivos governos, mas é fato histórico inegável que os imigrantes do Kasato Maru*

\* Mestre em Hospitalidade, pós - graduada em administração (FGV) e gestão estratégica do turismo (USP). Docente de cursos de turismo (CEFET) e gastronomia (CEUNSP).  
E-mail: mendesbruna@hotmail.com

\*\* Graduanda do curso de gestão de turismo do IFSP.  
E-mail: raquel.gibo@gmail.com

*iniciaram esse relacionamento [sic] (SHINDO, 1999, p.10).*

Saídos do porto de Kobe, em uma viagem de 52 dias, as "165 famílias com 733 membros e mais 48 avulsos, além de 12 viajantes livres" (SHINDO, 1999, p. 8), formaram os primeiros grupos de imigrantes contratados pela Companhia Imperial de Colonização Ltda para as fazendas de café no Estado de São Paulo.

No governo Meiji (1868-1912), período em que ocorreu a imigração, o Japão passava por sérias dificuldades políticas, econômicas e sociais, ocorridas pela transformação do país de um Estado Feudal para um Estado Moderno (NOGUEIRA, 1984, p. 34). "*Na verdade, nesse período de transição, o Japão enfrentava o problema da superpopulação e do desemprego real e potencial, situação agravada com a baixa produtividade agrícola e industrial - uma das conseqüências negativas do longo isolamento nacional*" (TAJIRI et al.,1992, apud BASSANEZI, 1995, p.27)

A economia, baseada quase exclusivamente na agricultura, vinha passando de manufatureira a industrial, atingindo tanto os proprietários de terras como os camponeses. Os primeiros começaram a cobrar tributos dos campônios, enquanto estes foram obrigados a hipotecar ou vender parte de suas terras, ficando assim com áreas cada vez mais reduzidas, incentivando o êxodo para as cidades (NOGUEIRA, 1984, p. 35).

Nas cidades, essa mão-de-obra ficava excedente, pois o Japão ainda não tinha uma indústria suficientemente desenvolvida para absorvê-las. Entretanto, Nogueira (1984, p.37) ressalta que não foi a falta de emprego que provocou a saída dos primeiros imigrantes para o estrangeiro, mas sim os tratados de paz e amizade firmados tanto com os Estados Unidos quanto com os países europeus. Os primeiros trabalhadores japoneses foram enviados para o Havai, em 1885, e

consequentemente a outros países, mas ao longo dos anos ocorreu:

*[...] um fechamento progressivo dos portos dos países tradicionalmente receptores da mão de obra japonesa, levando as companhias particulares a um verdadeiro estado de pânico. Seus agentes desdobravam-se na procura de terras para a colocação de nipônicos e foi nessa busca incessante que encontraram o Brasil (NOGUEIRA, 1984, p. 44).*

Como o Brasil estava interessado em desenvolver a lavoura cafeeira para conquistar novo mercado com a exportação do café, e no Japão havia mão-de-obra excedente, ocorreu uma coincidência de interesses que permitiu a vinda dos imigrantes japoneses para o país (IKARI apud NOGUEIRA, 2002, p. 32). Naquela época, a Constituição Brasileira de 1891:

*[...] garantia aos Estados uma considerável autonomia tanto na esfera administrativa quanto financeira e política. Assim, também, no que diz respeito aos assuntos migratórios. Enquanto os Estados sulinos permaneciam em sua política de colocação do imigrante em núcleos coloniais, tanto São Paulo como Minas Gerais procuraram satisfazer, com o imigrante, as necessidades da lavoura. São Paulo tornou-se, inclusive, o Estado imigrantista mais importante do Brasil. O fazendeiro paulista exigia diariamente do governo braços, braços e mais braços. Todas as vezes que conseguiu fazer prevalecer seus interesses foi no sentido de obter trabalhadores para a lavoura cafeeira, em torno da qual, aliás, girava a economia do país (NOGUEIRA, 1984, p.47).*

É por esses aspectos, isto é, o grande excedente de terras produtivas e a falta de mão-de-obra para explorá-las, que o Brasil era considerado um país interessante para a imigração. Segundo Patarra (1995, p. 1):

*[...] as decisões sobre a imigração estrangeira estiveram, no período, sujeitas principalmente aos interesses do café [...]. Isto explica a preponderância de imigrantes em São Paulo, o que não significa que estes não tenham sido relevantes em outras regiões e setores, como a indústria e o comércio.*

Inicialmente, vieram os europeus, sobretudo os italianos, mas a posterior proibição exigida pela Itália referente à imigração subsidiada para o Brasil (1902), devido às péssimas condições de trabalho e de vida dadas pelos patrões cafeicultores, acostumados a tratar de forma subhumana sua mão-de-obra, fez com que a imigração japonesa que havia sido cogitada, desde 1870, fosse agora posta em prática, com a assinatura, em 1907, do primeiro contrato para a introdução da mão-de-obra japonesa na lavoura cafeeira nacional (NOGUEIRA, 1984, p. 97). Dentre as principais correntes imigratórias brasileiras:

*A japonesa se destacou por ter se iniciado com atraso, ser a de mais curta duração e a de menor volume. Distinguiu também pelas características étnico-culturais diferenciadas de seus integrantes e pelo relacionamento desses com a população e órgãos governamentais brasileiros (BASSANEZI, 1995, p. 28).*

Os primeiros imigrantes trazidos, em 1908, pelo Kasato Maru, foram levados para fazendas localizadas no interior do Estado de São Paulo, como: Dumont, Guatapará, São Martinho, Sobrado Floresta e Chanaan, localizadas nos municípios de Ribeirão Preto, Sertãozinho, São Manuel, Indaiatuba e São Simão.

Entre 1908 e 1914, atracaram no porto de Santos dez levas de imigrantes japoneses, totalizando 14.892 pessoas (YOSHIOKA, 2008, p. 21). Chegando ao Brasil, os imigrantes enfrentaram uma série de dificuldades:

*[...] uns ligados diretamente aos interesses do país receptor tais como o da não fixação do imigrante na lavoura, o fato de muitos não serem agricultores, a formação peculiar das famílias, os conflitos nas fazendas, etc. e outros que atingiram diretamente os próprios imigrantes, isto é, a desilusão com as condições oferecidas pelas fazendas, as dificuldades de comunicação, as diferenças alimentares, a falta de assistências sanitária adequada, entre outros (NOGUEIRA, 1984, p.154).*

Estes japoneses "tencionavam trabalhar por alguns anos nas fazendas de café e obter uma poupança para voltar. Porém, sob o regime de mesadas, tornava-se difícil tal poupança [...]. Era indiferente a aquisição de terras" (Serviço Nacional de Divulgação Cultural Brasileiro - SNDCB, 1999, p. 91). Com o passar do tempo, percebendo que o sonho de retorno ao Japão, em dois ou três anos, enriquecidos e vencedores era impossível, os imigrantes se viram obrigados a mudar de planos "[...] e passaram a pensar na alternativa de se dedicar à lavoura por conta própria, arrendando ou comprando pequenas glebas de terras. A expectativa para o tempo de permanência no Brasil foi alongada, mas a esperança de regressar ao Japão, bem sucedidos economicamente, continuava acesa" (Japan International Cooperation Agency - JICA, 2003, p.13).

Sendo assim, surge um novo desafio para os imigrantes: desbravar as matas virgens brasileiras em busca das terras adquiridas, onde plantariam arroz, algodão, milho, feijão, etc. À medida que deixaram de ser colonos e se tornaram proprietários, começaram a se reunir em colônias. "[...] Organizaram associações com o objetivo de estreitar as relações entre seus membros e cuidar dos assuntos de interesse coletivo; também criaram escolas para o ensino da língua e cultura japonesa aos filhos" (BASSANEZI, p. 29).

*Os nihonkinkais (associações de japoneses) promoviam até os matusris (festivais) para matar a saudade e preservar a tradição da terra natal. Essas colônias ganharam musculatura quando os trilhos das ferrovias rasgaram o interior inóspito de São Paulo. Foi assim que ao redor das linhas Sorocabana, Paulista, Mogiana, Noroeste, Santos- Jundiá, cerca de 40 mil japoneses formaram centenas de núcleos a partir dos anos 1920 (MADE IN JAPAN, 2007, p. 26).*

A partir de então, a vida nas colônias foi a prova da adaptação dos imigrantes à vida rural no Brasil. "Ainda com dificuldades para se comunicar em português e sem conseguir um preço bom para vender seus legumes e verduras, os pequenos agricultores japoneses se uniram em cooperativas, um modelo de gestão bastante comum no Japão da época" (MADE IN JAPAN, 2007, p. 30). Ao mesmo tempo, deu-se início a transferência para as cidades, onde, a partir de 1930, começaram a se dedicar a empreendimentos comerciais e industriais.

Com o término da II Guerra Mundial (1939-1945) e a derrota do Japão no combate, os imigrantes japoneses se conscientizaram da impossibilidade de retornar ao país de origem.

*A inusitada postura desencadeou o fenômeno da transmutação dos imigrantes japoneses em brasileiros. Eles dão início também ao processo de integração na sociedade maior, com a assimilação de valores socioculturais do País e a busca pela inserção nos mais variados setores na vida nacional. Tanto os imigrantes quanto seus filhos passaram a viver voltados para o Brasil, mas atentos à preservação dos valores éticos e culturais japoneses. (JICA, 2003, p. 13)*

Com isso, todo o sofrimento passado desde a "frustração dos primeiros anos nas fazendas, a luta inglória contra doenças e pestes nos núcleos de colônia, o preconceito e a divisão interna na Segunda Guerra",

passam a ser substituídos pela felicidade e prosperidade. "Talvez a decisão mais difícil para quem sonhava voltar endinheirado à terra natal, tenha sido a de reconhecer que o Brasil seria a sua nova pátria. Com isso, a palavra nikkei, criada para classificar os descendentes japoneses nos Estados Unidos, passa a ser incorporada ao vocabulário brasileiro" (MADE IN JAPAN, 2007, p. 45). Na verdade, segundo Harada (2008, p. 47):

*[...] o nikkei, hoje, não pode ser considerado japonês. Ele é nikkei, um japonês ou descendente, que tem o Brasil como sua pátria materna, que carrega traços indissolúveis da cultura japonesa, muitas vezes, não mais encontrados no próprio país de origem. Um brasileiro como todos os brasileiros, mas ao mesmo tempo diferente de todos os demais, por sua especificidade cultural herdada. Enfim, há brasileiros das mais diversas origens, dentre eles os nikkeis, com suas peculiaridades.*

Mas quem são os nikkeis e quais são as suas peculiaridades? Como essas características podem interferir no turismo por eles realizado? Estas serão as questões abordadas ao longo do trabalho.

## Nikkei

A comunidade nikkei, sendo indiscutivelmente um segmento definitivo da sociedade brasileira, é composta pelas "pessoas de origem japonesa e seus descendentes que emigraram para outros países e neles criaram comunidades e estilo de vida com características únicas dentro do contexto das sociedades em que vivem" (HARADA, 2008, p. 37). Segundo dados divulgados pela Unicamp, ela é formada de 8,9% pelos Isseis (autóctones), 36,6% de Niseis (seus filhos), 40,7% de Sanseis (seus netos), 6,5% de Yonseis (seus bisnetos), 6,5% de Goseis (seus tataranetos)<sup>1</sup> (HARADA, 2008, p. 103) e em 2005 a sexta geração se iniciou com o nascimento do primeiro Rokusei no Brasil.

1. Verifica-se que a soma dos percentuais não atinge 100%.

As populações nikkeis apresentam uma situação socioeconômica, em geral, boa, com um poder aquisitivo superior à média nacional e um elevado nível educacional.

*Segundo os dados do IBGE de 2000, 28,9% dos integrantes da raça amarela, onde se insere o nikkei, concluíram o ensino superior, contra 10% dos brancos, 2,4% dos pardos, 2,2% dos índios e 2,1% dos negros. [...] O Índice de Desenvolvimento Humano - IDH3 - dos nikkeis é o maior entre as etnias pesquisadas, ou seja, é de 0,937, quase igual ao do Japão, que é de 0,938. Se considerada apenas a região sudeste, onde se localiza a maior parte da população nikkei, o IDH seria de 0,958, isto é, maior até do que apresenta a Noruega (0,956) país que detém o melhor índice do mundo (HARADA, 2008, p. 103).*

Esses números são resultados de uma idéia que se iniciou após o término da II Guerra Mundial, quando na constatação da impossibilidade de retorno, "não só em função das precaríssimas condições socioeconômicas do Japão, mas também porque eles não haviam amealhado a fortuna que pretendiam para o regresso (WAWZYNIAK, 2008, p. 178), o grupo empreendeu "com relativo êxito, um projeto de ascensão social baseado na máxima valorização do estudo e do trabalho" (OCADA, 2002, p. 5).

Outra característica acentuada na cultura japonesa e ainda presente entre os nikkeis é o seu caráter eminentemente familiar, baseado no respeito pelos mais velhos. Há uma hierarquização e uma orientação coletiva de subordinação-dominação em suas relações intrafamiliares (VIEIRA et al., 1973, apud TANNO, 2008, p.73) , onde "a idade cronológica, nos vários níveis sociais, ainda é considerada, respeitada e ligada às noções de criatividade, sabedoria e autoridade. A velhice significa que o indivíduo atingiu o seu ponto culminante." (HASHIMOTO; TEIXEIRA, 2008, p. 254).

Apesar de assimilarem muito bem a cultura brasileira, tendo em vista que estão sendo criados e educados nela, muitos jovens descendentes de japoneses, mesmo que despropositalmente, preservam sua cultura e identidade de origem por meio da prática de seus costumes, esportes, língua, religião e instituições como família e associações.

Diante de uma cultura tão particular, presente em um país multifacetado como o Brasil, torna-se importante conhecer esse consumidor, o foco do presente trabalho, para fins de investigação sobre a segmentação turística.

## Turismo e segmentação

O turismo, apesar de ser uma atividade praticada desde as civilizações antigas, só recentemente passou a receber "maior atenção e seriedade nos tratamentos científicos e técnicos a ele dispensado" (MAGALHÃES, 2002, p. 65), tendo sido então, objeto de estudo de diversas áreas do conhecimento, como o marketing, a psicologia, a antropologia, a geografia, a ecologia, a administração, entre outros. Entretanto, se o turismo ainda não pode ser definido como uma ciência possui características para tal, pois se concretiza ao relacionar-se com as outras disciplinas. Segundo Santos (2008, p. 1) "seu patamar teórico se forma e cristaliza na atuação com as outras teorias, porém por ser ainda uma atividade totalmente dinâmica e muito ágil e de forte impacto econômico [...] acaba relegando a um papel secundário seus componentes de sustentação teórica".

Essa situação acarreta em uma amplitude do termo, muitas vezes controversos. Nesta pesquisa, o termo turismo é entendido segundo a definição de Torre (1992, apud IGNARRA, 2002), o qual diz:

*O turismo é um fenômeno social que consiste no deslocamento voluntário*

*e temporário de indivíduos ou grupos de pessoas que, fundamentalmente por motivos de recreação, descanso, cultura ou saúde, saem de seu local de residência habitual para outro, no qual não exercem nenhuma atividade lucrativa nem remunerada, gerando múltiplas inter-relações de importância social, econômica e cultural (TORRE, 1992, apud IGNARRA, 2002, p. 13).*

De acordo com Barreto (2003, p. 24), o turismo apresenta diversas opções, devendo reunir, pelo menos, duas condições: ser viável para a situação econômica da pessoa e, ao mesmo tempo, atender as suas exigências do ponto de vista cultural. Goeldner; Rochie; Mcintosh (2002, p. 191), ressaltam que:

*Os fatores culturais em turismo cumprem um papel dominante, principalmente em atividades especificamente destinadas a transmitir e compartilhar conhecimentos e idéias [...]. O turismo eleva os níveis da experiência e do reconhecimento humanos e as realizações em muitas áreas da aprendizagem, pesquisa e atividade artística.*

Diante dessa amplitude, é imprescindível conhecer os fatores que influenciam a demanda turística, isto é, os viajantes ou turistas. Para isso, a segmentação de mercado turístico surge como uma ferramenta para entender esse meio, ajudando a perceber por que os consumidores são diferentes em termos de necessidades e desejos. Deste modo, pode-se dizer que:

*a segmentação de mercado, de modo geral, visa identificar: os motivos da viagem; a composição do grupo de viagem; o âmbito geográfico da viagem; o local da prática do turismo; o tipo de transporte e alojamento utilizado; a época e a duração da viagem; os serviços requeridos; as atividades desenvolvidas; o tipo de viagem; o grau de fidelidade do consumidor; os gastos, além das*

*características do comprador como: nível de renda; características demográficas; econômicas; geográficas; e psicológicas entre outras (RABAHY, 2005, apud BARRETO; REJOWSKI, 2009, p. 3)*

Segundo Ansarah e Panosso Netto (2009, p. 20):

*Existe na atualidade, um processo contínuo de segmentação da demanda turística que determina a aparição de grupos (nichos) de usuários de serviços turísticos, reunidos de acordo com suas características, preferências, nacionalidades, nível cultural, gosto e na experiência pelo viajar - adquirindo a chamada cultura de viagem.*

No caso dos jovens descendentes de japoneses, são escassos os dados sobre esse grupo em específico. As informações encontradas se referem aos comportamentos e motivações dos turistas jovens de uma forma geral, como é o caso de Cooper; Fletcher; Gilbert; Shepherd; Wanhill (2001, p. 76), os quais definiram que no estágio adolescente/jovem adulto:

*a preocupação é com a independência, a convivência e uma busca de identidade. Como regra geral, as férias independentes dos pais começam em torno dos 15 anos, limitadas pela falta de recursos financeiros mas compensadas por ter poucos compromissos, bastante tempo livre e uma curiosidade em conhecer novos lugares e experiências. Este grupo tem uma alta propensão à viagem, principalmente em férias planejadas utilizando transporte de superfície e hospedagens organizadas por conta própria. Aqui, a preocupação é simplesmente sair - a destinação não é importante.*

Em contrapartida, os autores Ávila (2008), Kushano (2008) e Silva (2008) ao se referirem sobre o turismo da juventude, citaram Giaretta (2003) para definir este nicho como sendo aqueles indivíduos entre

18 e 35 anos, que formam "um grupo homogêneo de jovens, com as características marcadas por período etário, estilo de vida e estado de espírito, que desencadeia uma série de sub-segmentos divididos em vários tipos de turismo" (GIARETTA, 2003, apud ÁVILA; KUSHANO; SILVA, 2008, p. 5).

Entre os tipos de turismo mais relacionados ao da juventude, estão o turismo associativo, o turismo estudantil e o turismo da natureza.

*O turismo associativo é o fomentado por associações, como os Albergues da Juventude e a União dos Escoteiros. [...] O turismo estudantil constitui-se de todas as viagens e excursões praticadas por estudantes com a finalidade de complementar e ampliar conhecimentos para sua vida profissional. Como exemplos estão os intercâmbios, os cursos no exterior e programas que integram atividade remunerada com estudos [...] (GIARETTA, 2003, apud ÁVILA; KUSHANO; SILVA, 2008, p. 5).*

No turismo da natureza, o público-alvo está em busca de emoção e aventura. Outra forma de turismo apreciado é o de mochileiros. "As viagens atraentes aos jovens priorizam a aventura, o convívio social, o intercâmbio cultural, o aprendizado profissional, com estágios no exterior, e a diversão" (ÁVILA; KUSHANO; SILVA, 2008, p. 6).

Enumeram-se como atividades e serviços do turismo da juventude as hospedagens especiais, as agências de viagens, as organizações de viagens culturais, recreativas, lúdicas e esportivas; os meios de transportes através de tarifas especiais em aviões e trens e carteiras que concedem descontos aos jovens, como carteira de caronista, carteira jovem, carteira de alberguista, carteira internacional de estudante e seguro.

Em relação aos turistas mochileiros, ressalta-se que o desbravamento feito pelos mesmos acaba servindo ao turismo, visto que,

geralmente, acabam descobrindo novos destinos que, posteriormente, podem vir a se transformar em roteiros turísticos comercializados, em escala nacional e internacional (MONTEJANO, 2001, apud ÁVILA; KUSHANO; SILVA, 2008, p. 6). Enfim, baseando-se nos estudos sobre perfil psicográfico de Stanley C. Plog (1974) se pode classificar esse grupo como sendo o de turistas alocléricos, apreciadores de liberdade e flexibilidade:

*[...] preferem áreas não-turísticas, descobrimento e fruição de novas experiências, ante que outros visitem a área; novas e diferentes destinações de viagem, com alto nível de atividade; utilização de transporte aéreo nas destinações de viagem; hotéis e restaurantes que incluam bom alojamento e boa comida que pode ser típica ou internacional; diversão no contato com pessoas de outras culturas e outros países [...] (BENI, 2003, p. 258).*

Assim, por meio destes dados, é possível perceber que o turismo vinculado ao público jovem tem suas singularidades. Tendo como base todas as informações explicitadas até este ponto, podemos agora focar no objeto de estudo deste artigo.

### **Turismo entre os jovens descendentes de japoneses**

Para a efetivação deste trabalho, foram realizadas pesquisas bibliográficas e aplicação de questionários quantitativos semi-estruturados. Na primeira fase do projeto, buscaram-se os dados secundários, por meio de livros, revistas, dissertações, periódicos, sites especializados, entre outras fontes, com o intuito de descobrir se o tema já havia sido abordado e construir uma base para a elaboração das definições dos assuntos relacionados, como o histórico da imigração japonesa e a população nikkei no Brasil.

Posteriormente, para obtenção dos dados primários, elaborou-se um

questionário, baseado em Beni (2003, p. 461), buscando identificar o perfil, preferências e motivações na prática do turismo dos descendentes de japoneses entre 15 e 30 anos, constituindo assim, a amostra selecionada. A maioria das perguntas foi fechada, devendo-se optar por uma única resposta em determinadas questões ou podendo-se selecionar mais de uma alternativa em outras perguntas (CARNEVALLI; MIGUEL, 2008, p. 5).

Após a elaboração do questionário, foi realizado um pré-teste com pessoas de perfil similar ao da amostra, de maneira a aperfeiçoar o instrumento de coleta de dados. A partir deste momento, os últimos ajustes foram realizados e o questionário recebeu seu formato final.

Com um total de 20 questões, as perguntas foram agrupadas em três blocos, iniciando com aquelas de cunho socioeconômico (sexo, idade, renda familiar, etc.), passando aos tipos de turismo praticado, os segmentos operacionais utilizados (meio de transporte, hospedagem, etc.), finalizando com as motivações turísticas do grupo.

Considerando-se o tempo disponível para aplicação da técnica de pesquisa selecionada, o tamanho da amostra definida foi de 70 pessoas, entrevistadas entre os dias 11 e 19 de outubro de 2008, em Associações Culturais e Esportivas Nipo-brasileiras do Estado de São Paulo.

Essas associações são muito conhecidas entre a comunidade, estando espalhadas por todo o Brasil. Basicamente, visam à união de seus associados (descendentes ou não), por meio de atividades culturais, sociais e esportivas. Seu intuito é preservar a cultura nipônica oferecendo aulas e cursos (japonês, Ikebana, taikô, culinária, etc), cedendo espaço para a prática de esportes (beisebol, futebol de salão, volei, etc), promovendo eventos com temas ligados ao Japão

("undokai"<sup>2</sup>, festival do yakissoba, etc), além de campeonatos. Essas associações atraem pessoas de todas as idades, dentre elas os jovens. Sendo assim, optou-se pelo lugar, por concentrar um número grande de indivíduos com o perfil desejado. Após a aplicação dos questionários, os dados coletados foram tabulados e analisados, sendo os resultados apresentados a seguir.

Entre a faixa etária estipulada, há um número maior de Sanseis (53,3%), seguidos dos Nisseis (43,3%) e Yonseis (3,3%), tendo uma pequena diferença entre a quantidade de homens (53,3%) e mulheres (46,7%) que realizam atividades turísticas.

Em decorrência dos entrevistados serem jovens, o grau de escolaridade ficou em igual número entre o Ensino Superior Incompleto e o Superior Completo, representando cada um 33,3%. A maioria dos entrevistados exerce atividade remunerada (62,3%), tendo uma renda familiar média entre R\$ 2 mil a R\$ 4 mil, sendo assim, podemos considerá-los como pertencentes a classe média brasileira, pois segundo dados da Fundação Getúlio Vargas (FGV), esse grupo é formado pelas famílias com renda entre R\$ 1.064 e R\$ 4.591.

Nas viagens, o lazer<sup>3</sup> é o principal motivo de deslocamento, representando 80,3% dos resultados, seguido pela visita a parentes (7,7%). O que mais atrai este público são as belezas naturais (36,5%), a diversão noturna (21,7%) e a cultura (14,2%) das destinações. Em relação aos acompanhantes, 57,7% geralmente viajam com a família, seguido de 29,5% com os amigos e apenas 12,8% sozinhos.

Entre outubro de 2007 a 2008, 60% do público pesquisado realizaram entre 1 a 3 viagens, permanecendo 2 dias (33,3%) e/ou 1 semana (26,7%). Esta questão foi a que mais obteve respostas variadas, além daquelas sugeridas nas alternativas. Elas iam desde os 3 dias até 1 ano<sup>4</sup>, nas viagens internacionais.

2. Trata-se de uma gincana esportiva familiar, onde são praticadas atividades como cabo de guerra, corrida do ovo na colher, corridas de obstáculos e diversas outras brincadeiras diversas com a distribuição de prêmios. O principal objetivo do Undokai é a confraternização, de um modo geral, com a participação de todas as gerações. Costuma durar o dia inteiro, em algum dia de maio. (KEITARO, Kinomoto. Undokai: a gincana japonesa!. Disponível em: <http://www.animeforces.com/index.asp?page=noticias&id=46&materia=s>. Acesso em: 03 de fev. 2009.

3. Desconsiderou-se as viagens para apresentações de taikô e campeonatos esportivos.

4. Houve respostas onde o tempo de permanência ultrapassou 1 ano, mas que foram desconsideradas, pois segundo o Departamento de Informações e Políticas Econômicas e Sociais das Nações Unidas (1992), o termo "visitante internacional" descreve "qualquer pessoas que viaja para outro país que não aquele no qual tem sua residência habitual, mas que se encontra fora de seu meio ambiente usual durante um período que não exceda 12 meses, sendo o principal objetivo outro que não o exercício de uma atividade remunerada no país visitado." (ROSS, Glenn F.. Psicologia do turismo. São Paulo: Contexto, 2002 - Coleção Turismo Contexto. (p.15).

Vale ressaltar que os entrevistados encontraram certa dificuldade em responder essa pergunta, pois são poucos aqueles que conseguem se lembrar da quantidade exata de vezes que viajaram em um período de 12 meses. Muitos só se recordavam dos deslocamentos mais longos e/ou marcantes, esquecendo daquelas mais curtos e/ou, na opinião deles, irrelevantes.

Constatou-se que àqueles que possuem renda familiar mensal entre R\$ 2 mil a R\$ 4 mil foram os que demonstraram ser mais flexíveis quanto ao tempo de permanência fora de seu local de residência, variando entre 1 dia a 2 anos. Aqueles que ganham até R\$ 1 mil costumam permanecer 1 semana, e os acima de R\$ 10 mil entre 15 dias a 3 meses.

Quanto ao período da viagem, os feriados foram os mais citados com 40% da predileção, seguido das férias de dezembro e janeiro (13,3%) e dos finais de semana (10%). Os jovens viajantes nikkeis das associações culturais e esportivas nipo-brasileiras do Estado de São Paulo dificilmente fazem uso dos equipamentos e serviços turísticos. A hospedagem costuma acontecer na casa de parentes e amigos (33,9%) ou em pousadas (20%).

O deslocamento é feito através de carro próprio (66,7%) e apenas 3,7% utilizaram agências de viagens e unicamente naqueles casos onde o deslocamento foi internacional. Na verdade, 46,7% o fazem por conta própria. Sendo assim, não foi anormal constatar que suas viagens ocorreram por meio da indicação de parentes e amigos (60%).

A pouca utilização dos equipamentos e serviços turísticos resulta em dispêndios individuais "baixos", ficando entre R\$ 100 a R\$ 150 por viagem para 44,4% da amostra.

No questionário, dentre as três perguntas abertas, duas tencionavam saber quais haviam sido os locais visitados no último ano (Outubro de 2007/2008) (Tabela 1) e quais eram os almejados (Tabela 2).

Tabela 1. Localidades Visitadas

Região	Percentual (%)
Estado de São Paulo	59,6
Exterior	10,6
Outros estados brasileiros	29,8
<b>Total</b>	<b>100</b>

Fonte: as autoras, baseada nas entrevistas

Como demonstrado na Tabela 1, uma parcela significativa da amostra viajou dentro do próprio Estado de São Paulo, sendo que, destes, 32,4% para cidades do interior e 67,6% visitaram as praias do litoral norte, com destaque para Caraguatatuba, com 25% da preferência, seguida do Guarujá, Ubatuba e São Lourenço, cada uma com 18,7% das respostas.

Tabela 2. Localidades que gostariam de visitar

Região do Brasil	Percentual (%)
Nordeste	13,9
Sul	8,4
Centro-Oeste	5,5
Exterior	Percentual (%)
Ásia	24,2
Europa	20,4
Oceania	14,8
América do Norte	9,2
África	1,8
América do Sul	1,8

Fonte: as autoras, baseada nas entrevistas

A Tabela 2 apresenta os destinos pretendidos. A maioria (72,2%) tem interesse em conhecer outros países, principalmente os do Continente Asiático (24,2%). Sendo que, dentro desse grupo, 84,6% citaram o Japão como principal desejo de viagem. Quanto às destinações nacionais, as mais procuradas seriam as da região Nordeste, constituindo 13,9% das respostas.

Acredita-se que com esta pesquisa um perfil preliminar desse segmento foi traçado, devendo ser estudado por outros pesquisadores com maior profundidade.

## Considerações Finais

A partir da análise dos dados, foi possível concluir que o grupo pesquisado, isto é, jovens frequentadores de associações culturais e esportivas nipo-brasileiras do Estado de São Paulo, têm um alto grau de escolaridade, confirmando a preocupação dos nipônicos com a educação.

Pertencentes a massa economicamente ativa e da classe média brasileira, esses jovens nipônicos costumam realizar um número razoável de viagens (1 a 3 vezes), mas que poderiam ocorrer com mais frequência dada a sua boa situação econômica. Como muitos dos entrevistados trabalham e estudam ao mesmo tempo eles são obrigados a viajar geralmente nos feriados, permanecendo por um tempo reduzido, pois esse é um dos poucos períodos em que conseguem uma "folga" simultânea na escola/faculdade e no trabalho.

Aqueles que possuem uma renda familiar mensal acima de R\$ 10 mil costumam permanecer fora por um tempo mais longo, mas isso não significa que viajam com mais frequência, isto é, não há relação entre a quantidade de vezes viajadas e a renda média. Os jovens que viajaram mais de sete vezes em 2008, fizeram-no devido a compromissos de trabalho, o que não pode ser considerado turismo, ou foram aqueles que permaneceram fora de sua residência habitual por um período inferior a 24 horas (excursionistas). Além disso, os deslocamentos também dependem da disponibilidade de tempo de seus familiares, principais acompanhantes deste grupo, demonstrando o forte vínculo dos nipônicos com a família.

Observou-se, ao relacionar o tipo de acompanhante com o tempo de permanência e a quantidade de viagens, que esses jovens têm hábitos diferentes, quando estão com os familiares e com os

amigos. Eles deslocam-se mais vezes com suas famílias, permanecendo de 1 a 3 dias, mas quando estão com seus amigos tendem a demorar-se pelo menos uma semana fora.

O lazer é o principal responsável pelos deslocamentos, sendo que as atividades mais procuradas são aquelas relacionadas às belezas naturais, ao meio ambiente ou, como segunda opção, as diversões noturnas (casas noturnas, cinemas, teatro, bares, etc.). Gostam de contemplar a natureza, tentando fugir do cotidiano turbulento dos centros urbanos praticando o turismo ecológico e paisagístico. Esse dado é confirmado ao observar os destinos visitados no último ano, sendo aqueles onde a vocação turística do núcleo receptor são os espaços naturais.

O turismo também muito praticado pela amostra pesquisada é aquele denominado sociofamiliar, onde a principal motivação são as visitas a parentes e amigos, isso foi comprovado ao observar os destinos citados. Ribeirão Preto e Atibaia, por exemplo, comentadas por vários entrevistados, são cidades conhecidas pelo seu número significativo de japoneses e descendentes em sua população.

Quanto ao transporte, o meio mais utilizado é o carro próprio. As únicas vezes que o avião foi empregado decorreu nas viagens internacionais. As pessoas que viajaram pela Região Sudeste utilizaram o carro próprio; podendo-se novamente considerar que a atividade turística é praticada geralmente dentro do próprio Estado de São Paulo, constituindo o turismo intra-regional.

O gasto reduzido com as viagens demonstra que estes turistas economizam bastante ao não utilizarem equipamentos e serviços turísticos. Isto decorre mais por opção do que por necessidade. Eles efetivam o chamado turismo individual, particular ou

autofinanciado, no qual todo o processo da viagem, desde o planejamento até a execução é feito sem a interferência de uma agência de viagens.

Como a hospedagem, para a grande maioria dos jovens nikkeis, foi na casa de parentes e amigos, é possível concluir que visitam sempre os mesmos destinos, não havendo mudanças quanto a isso. Durante as entrevistas, foi observado que eles gostariam de visitar novas localidades, mas estão atrelados as decisões da família, muitas vezes dos mais velhos, que preferem os locais já conhecidos.

A dependência em relação aos mais velhos realça a falta de poder que os jovens possuem dentro da família no momento de escolher o destino a ser visitado. Além disso, a grande maioria do público citou outros países como desejo de consumo de viagem, demonstrando que se pudessem, deixariam de realizar somente o turismo doméstico, passando para o turismo externo e intercontinental.

Outro dado interessante foi que nenhum deles citou localidades dentro do Estado de São Paulo como próximos destinos a serem visitados. Dentre aqueles que responderam Continente Asiático, o Japão foi o país em destaque, isso demonstra que independente do grau de descendência (nissei, sansei ou yonsei), esse grupo possui um sentimento de resgate, de curiosidade em descobrir suas raízes, seu legado étnico-histórico-cultural, conhecer a terra de seus pais, avôs e tataravôs.

Finalizando este artigo, fica a conclusão de que o turismo realizado pelo segmento iguala-se em muitos pontos com o turismo doméstico brasileiro. As particularidades estão mais voltadas para a falta de individualismo no momento da escolha do destino a ser visitado, mas que infelizmente aqui não pôde ser abordado detalhadamente. Sendo assim, tendo como base este trabalho, sugere-se que

os próximos procurem analisar de maneira mais aprofundada as influências psicológicas e socioculturais geradoras dos desejos e motivações turísticas do grupo. As destinações também podem usufruir os dados aqui expostos, como ferramenta para a criação de técnicas de marketing mais eficazes. As informações sócio-culturais podem gerar novas oportunidades de mercado, novos produtos e novas formas de entrar em contato com o consumidor.

## Referencias bibliográficas

- ANSARAH, Marília Gomes dos Reis; NETTO, Alexandre Panosso; **Segmentação em turismo: panorama atual**. IN: ANSARAH, Marília Gomes dos Reis; NETTO, Alexandre Panosso (edit). Segmentação do mercado turístico: estudos, produtos e perspectivas. Barueri: Manole, 2009.
- ÁVILA, Marco Aurélio; KUSHANO, Elizabete Sayuri; SILVA, Tatiana Amaral. **Segmentação de mercado: uma abordagem sobre o turismo em diferentes faixas etárias**. Caderno Virtual de Turismo. Vol. 8, n. 2. 2008. Disponível em: <<http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/ojs/viewarticle.php?id=431&layout=abstract>>. Acesso em: 2 de out. 2008.
- BARRETO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. São Paulo: Papirus, 2003.
- BARRETO, Margarita; REJOWASKI, Miriam; **Considerações epistemológicas sobre segmentação: das tipologias turísticas à segmentação de mercado**. IN: ANSARAH, Marília Gomes dos Reis; NETTO, Alexandre Panosso (edit). Segmentação do mercado turístico: estudos, produtos e perspectivas. Barueri: Manole, 2009.
- BASSANEZI, Maria Sílvia C. Beozzo. **Imigrações internacionais no Brasil: um panorama histórico**. IN: PATARRA, Neide (coord.). Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo. São Paulo: Funap, 1995.

- BELTRÃO, Kaizô Iwakami; SUGAHARA, Sonoe; KONTA, Ryohei. **Trabalhando no Brasil: características da população de origem japonesa segundo os censos entre 1980 e 2000**. XV Encontro Nacional de Estudos Poulacionais, ABEP, realizado em Caxambú-MG-Brasil, de 18 a 22 de setembro de 2006.
- BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. 8. ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003.
- CARNEVALLI, José Antônio; MIGUEL, Paulo Augusto Cauchick. **Desenvolvimento da pesquisa de campo, amostra e questionário para realização de um estudo tipo survey sobre a aplicação do QFD no Brasil**. Disponível em: <[www.abepro.org.br/biblioteca/ENEGEP2001\\_TR21\\_0672.pdf](http://www.abepro.org.br/biblioteca/ENEGEP2001_TR21_0672.pdf)>. Acesso em: 21 out.2008.
- COOPER, Chris; FLETCHER, John; GILBERT, David; SHEPHERD, Rebecca; WANHILL, Stephen. **Turismo: princípios e práticas**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.
- GOELDNER, Charles R.; RITCHIE, J. R. Brent; MCINTOSH, Robert W.. **Turismo: princípios, práticas e filosofias**. 8. ed. Porto Alegre: Bookman, 2002.
- HARADA, Kiyoshi. **O processo de evolução e de integração do nikkeis**. IN: HARADA, Kiyoshi (coord). **O nikkei no Brasil**. São Paulo: Atlas, 2008. (p. 34-95).
- HASHIMOTO, Francisco; TEIXEIRA, Marco Antonio Rotta. **Um olhar sobre a velhice: um estudo com os imigrantes japoneses**. IN: HASHIMOTO, Francisco; TANNO, Janete Leiko; OKAMOTO, Monica Setuyo (org.). **Cem anos da imigração japonesa: história, memória e arte**. São Paulo: Editora Unesp, 2008. (p. 247-262).
- IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do turismo**. 3. ed. São Paulo: Thomson, 2003.
- IKARI, Luci Tiho. **Lazer e tempo livre da comunidade nikkei na região metropolitana de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Imigração japonesa no Brasil. Série resumos**, n.4, 2.ed. São Paulo: Memorial do Imigrante, 2000.
- JAPAN INTERNATIONAL COOPERATION AGENCY. **Os nikkeis e a sociedade brasileira nos próximos 20 anos**. São Paulo: JICA, março. 2003.
- MADE IN JAPAN. **100 anos de imigração: os episódios mais marcantes e inesquecíveis da história dos imigrantes japoneses no Brasil**. São Paulo: JBC, n. 117, 2007.
- MAGALHÃES, Cláudia Freitas. **Diretrizes para o turismo sustentável em municípios**. São Paulo: Roca, 2002.
- MAGALHÃES, Naiara. Revista Veja. **O Brasil do Sol Nascente: os 100 anos a imigração japonesa**. São Paulo: Editora Abril, ed. 2038, ano 40, n. 49, 2007.
- NOGUEIRA, Arlinda Rocha. **Imigração japonesa na história contemporânea do Brasil**. São Paulo: Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1984.
- OCADA, Fábio Kazuo. **A cultura e o habitus japonês: ingredientes da experiência**. Trabalho apresentado no XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, realizado em Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil de 4 a 8 de novembro de 2002.
- PATARRA, Neide (coord.). **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Funap, 1995.
- ROSAS, Rafael. **Pesquisa da FGV aponta 2007 como o ano da classe média**. Disponível em: <[http://g1.globo.com/Noticias/Economia\\_Negocios/0,,MUL766681-9356,00-PESQUISA+DA+FGV+APONTA+COMO+O+ANO+DA+CLASSE+MEDIA.html](http://g1.globo.com/Noticias/Economia_Negocios/0,,MUL766681-9356,00-PESQUISA+DA+FGV+APONTA+COMO+O+ANO+DA+CLASSE+MEDIA.html)>. Acesso em: 31 de out. 2008.
- SAKAI, Alexandre. **Japão Pop Show. 100 anos da imigração japonesa: as surpreendentes histórias do povo que ajudou a mudar o Brasil**. Edição comemorativa. São Paulo: Editora Abril, 2008.
- SANTOS, João dos. **Turismo: ciência ou técnica?** Disponível em: <http://>

- [www.revistaturismo.com.br/artigos/cienciatecnica.html](http://www.revistaturismo.com.br/artigos/cienciatecnica.html) >. Acesso em: 2 de out. 2008.
- SERVIÇO NACIONAL DE DIVULGAÇÃO CULTURAL BRASILEIRO. **História da imigração no Brasil: as famílias**. São Paulo: SINDCB, [199?].
- SHINDO, Tsuguo. **Brasil e Japão: os 100 anos de Tratado de Amizade**. 2. ed. São Paulo: Associação Cultural Recreativa Akita Kenjin do Brasil, 1999.
- TANNO, Janete Leiko. **Formas de sociabilidade e inserção de imigrantes japoneses e seus descendentes na sociedade paulista. 1930 - 1970**. IN: HASHIMOTO, Francisco; TANNO, Janete Leiko; OKAMOTO, Monica Setuyo (org.). **Cem anos da imigração japonesa: história, memória e arte**. São Paulo: Editora Unesp, 2008. (p. 63-78).
- WAWZYNIAK, Sidinalva Maria. **A "Colônia" como representação: imigração japonesa no Brasil**. IN: HASHIMOTO, Francisco; TANNO, Janete Leiko; OKAMOTO, Monica Setuyo (org.). **Cem anos da imigração japonesa: história, memória e arte**. São Paulo: Editora Unesp, 2008.
- YOSHIOKA, Reimei; **Síntese histórico-evolutiva da emigração japonesa no mundo**. IN: HARADA, Kiyoshi (coord). **O nikkei no Brasil**. São Paulo: Atlas, 2008. (p.1-33).

**Cronologia do processo editorial:**

Recebimento do artigo:	29-mar-2009
Envio ao parecerista:	6-abr-2010
Recebimento do parecer:	13-abr-2010
Envio para revisão do autor:	13-abr-2010
Recebimento do artigo revisado:	20-abr-2010
Aceite:	27-abr-2010